

PONTO & CONTRAPONTO

O estabelecimento de cotas para negros e índios nas universidades é positivo?

SIM

Mecanismos para combater a desigualdade

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Professor do Departamento de História e do Mestrado em Integração Latino-Americana da UFSM

Uma das discussões mais polêmicas que ocorre no ensino superior brasileiro é a reserva de cotas para alunos negros e índios no país. Sobre esta discussão, concordo com o pensamento de Petrônio Domingues, em artigo intitulado: "Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica", na Revista Brasileira de Educação ANPEd, de 2006, onde ele faz um exame das ações afirmativas em benefício da população negra, tendo como eixo a polêmica em torno da instituição de um programa de cotas raciais, principalmente nas universidades públicas. Conclui-se que tal programa significa um marco na história do país: por um lado, é a primeira vez que o Estado brasileiro busca reparar a população negra pelas injustiças do passado (e do presente); e, por outro, também é a primeira vez que a opinião pública nacional se sensibiliza tanto para o problema do racismo anti-negro e discute suas possíveis soluções.

Como toda a sociedade civil sabe e reconhece, o Brasil é um país de segregação racial não declarada. A pesquisa Mapa da população negra no mercado de trabalho no Brasil, realizada pelo Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial (INSPIR), em 1999, demonstra que um homem negro na região metropolitana de São Paulo recebe 50,6% do rendimento médio mensal de um homem não-negro. A situação da mulher negra é mais dramática, que recebe 33,6% do rendimento médio mensal de um homem não-negro. A taxa de desemprego na região metropolitana de São Paulo é de 16,1% para os não-negros e 22,7% para os negros. Outro dado dramático da nossa realidade é constatado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), que reconhece que dos 53 milhões de brasileiros vivendo na pobreza, 63% são negros, ao passo que dos 22 milhões de excluídos, porque vivem abaixo da pobreza, 70% são negros. Esses mesmos estudos apontam que a maioria da população negra está afastada das condições de ensino (ou afastada das condições de um ensino de qualidade?), e do conjunto dos universitários brasileiros, 97% são brancos e apenas 2% são ne-

gros.

Como reverter este calamitoso quadro? Há uma espécie de consenso nacional de que é preciso adotar dispositivos concretos de combate à elevada desigualdade racial no país, em que o papel relevante cabe aos diversos movimentos sociais negros que têm procurado desenvolver ações coletivas voltadas para auto-estima do povo negro, e entre as ações concretas induzir transformações de ordem cultural, pedagógica e psicológica, invertendo os falsos valores que persistem no imaginário coletivo de supremacia racial versus subordinação racial e/ou de gênero. Também têm revisitado o passado histórico, retirando dele lutas de liberdade, igualdade e convívio social, em meio aos conflitos étnicos que o formaram. Mas, o principal pilar desta caminhada é a educação, além é claro da vontade política. O processo educativo mais igualitário deve contribuir em muito neste resgate da auto-estima, dos valores da cultura dos afro-descendentes.

Nesse contexto se inserem as políticas de ações afirmativas que é o programa de cotas para negros, que se constituem em mecanismos de reconhecimento às conquistas do povo negro, nos poucos espaços que lhe são reservados: é a reserva de um percentual determinado de vagas para um grupo específico da população (negros, mulheres, gays, entre outros), principalmente no acesso à universidade, ao mercado de trabalho e à representação política. Em suma, sou convicto de que devemos defender as cotas para os alunos negros e índios nas universidades públicas, exatamente porque conhecemos a triste realidade que nos cerca.

"Não há negros ou brancos, apenas seres humanos"



NÃO

Reservar vagas para negros é segregar

Iberê Nodari

Professor do departamento de Engenharia Mecânica da UFSM

Condoleezza Rice vive no país que construiu uma das sociedades mais racistas e preconceituosas do universo e tem os dois atributos mais rejeitados e discriminados: é mulher e é negra. Mas como secretária de Estado do governo dos Estados Unidos, é proprietária do segundo cargo de maior poder no mundo.

Tornou-se o símbolo da inclusão social, sem aproveitar programas de inclusão, mas porque, a ascensão econômica da família permitiu que fosse possível desabrochar sua inteligência e competência, o que culminou por levá-la à emérita da Universidade de Stanford. Semelhante é a história de Collin Powell, negro, general do exército americano e também Secretário de Estado. Em 1978, a Suprema Corte americana proibiu a política de reserva de vagas para minorias por inconstitucionalidade e por intensificar as tensões interracialias, mas após a reforma da legislação americana, equalizando direitos, cada vez mais homens e mulheres negras conquistam posições sociais proeminentes em comunidades que até pouco tempo só permitiam que

eles viajassem na parte dos fundos do ônibus. E isto vem sendo conseguido sem programas de inclusão, mas através da melhoria da condição econômica.

A introdução do sistema de cotas produz uma sociedade que tem a obrigação legal de se classificar como branca ou negra. O Brasil não é um estado racista, se for, é o menos racista. Mas, a palavra "negro" passou a ser pejorativa, querem trocá-la por "afro-descendente". Como serão classificados os brancos que vieram de Angola? E os sul-africanos de etnia holandesa - O grande risco é confundir a exclusão econômica com racismo e exclusão social. Reservar vagas para negros é segregar. Se fosse por aí, o processo de inclusão só na universidade não será suficiente. Terão que reservar vaga na Escola Naval, na Academia de Agulhas Negras, na Escola da Aeronáutica, na diretoria da Petrobrás, na ANDIFES, no Banco do Brasil, nos bancos privados, na fábrica da Ford etc., etc. E também reservar cotas para docentes. Como filosofia, o conceito socialista se baseia na ideia da universalidade de direitos. Só o pensamento ultraliberal não vê os indivíduos como um conjunto de cidadãos, mas sim de consumidores. No interior desse conceito é que surge a ideia de políticas compensatórias, para corrigir desvios de mercado. A solução é Brizolista: reduzir a pobreza através de um mega investimento na educação assistida focando os segmentos mais pobres da população. E o financiamento disto? - O Brasil, em 11 anos pagou um trilhão de reais do serviço de uma dívida que não acaba e supera o trilhão. Uma dívida que já foi paga várias vezes. É um processo de extorsão tão brutal que quem o aceita trai o destino do povo brasileiro. Finalizo citando Francisco Vitória, negro e professor do CEFET de Pelotas que, no congresso da ANDES, justificou o seu voto contrário à política de cotas para negros, provavelmente inspirado em Sartre: - "Não há mulheres ou homens, negros ou brancos, apenas seres humanos".